

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
I SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Os Novos Males em São Paulo: Revendo Histórias de Resistência dos
Movimentos Sociais do Brasil

Jorge Washington de Paula (zakarias@yahoo.com.br)

SÃO PAULO
NOVEMBRO DE 2009

Os Novos Males em São Paulo: Revendo Histórias de Resistência dos Movimentos Sociais do Brasil.

Jorge Washington de Paula (zakarias@yahoo.com.br) 6º semestre matutino.

Resumo: O presente trabalho pretende fazer uma análise dos motivos que iniciaram os movimentos de resistência sócias no Brasil, um fato que gerou conseqüências negativas internas e externas aos indivíduos e que foi ampliado para o social. Tendo esse fato como a principal causa da exclusão, podemos observar até hoje o prejuízo moral, intelectual, capital, social e um invisível que é o religioso, em relação aos afros-descendentes excluídos do processo de acumulação capitalista – Os Novos Males como objeto está vinculado ao processo de resistência, e propõe fazer nesse trabalho um resgate não somente histórico ou de direitos sociais, mas também de valores intrínseco aos indivíduos como a religião que foi cerceada pelos dominadores e pela mão do Estado sua condição de ser humano. Hoje os Novos Males tem como objetivo também apontar os pontos de resistência e de resiliência de cada ação, e como reflexão fazer uma nova revisão dos valores sociais na reformulação de uma nova lógica, de progresso dos detentores do poder comandado pela elite desse país. Chamado Brasil.

Palavras-chave: Novos Males - Resistência – Resiliência – Exclusão – Cidadania – Movimentos sociais.

Justificativa: O fato de ter as primeiras informações sobre o Islam em 1973 aguçou minha curiosidade fez intensificar minha busca pessoal sobre o Islam. Após cinco anos de pesquisa em 1978 acabei por me reverter ao Islamismo, ao pesquisar encontrei vestígios empíricos na história do Brasil, que identificava a presença de muçulmanos dès de o descobrimento do Brasil, e aqui tentaram impor tanto sua religião, condutas e costumes de acordo como prescreve no século VII, como é relatado no “Al Qur’an” (Alcorão) Livro sagrado dos muçulmanos: “O dever do muçulmano é fazer tudo que o profeta de Allah aprovou e renegar tudo que ele renegou”, muitos hábitos e costumes se enquadram nessa lógica. Certamente um fato que alterou minha vida em todos os sentidos principalmente dedicar a pesquisas mantendo o rigor científico e o distanciamento devido, Para expandir o conhecimento islâmico que já tinha adquirido fundei em 2003, uma

sociedade aos moldes brasileiros: “Sociedade Beneficente Muçulmana de Brasileiros e Divulgação do Islam”. Por não encontrar eco junto às organizações árabes brasileiras e observar o aumento das injustiças sociais resolvi aprofundar nessa causa religiosa passei a estudar a presença dos muçulmanos no Brasil, Em 2005 fui o principal articulador da fundação da Mesquita Bilal el Rabach, Praça da República, 80, 10º andar, centro de São Paulo, aonde até hoje vem recebe muitos emigrantes e refugiados de vários países africanos. Em 2007 me matriculei na Faculdade, “Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo” (fespsp), para entender sociologicamente como os muçulmanos da época do descobrimento conseguiram resistir e quais as formas de resistência estabelecida por eles. Será que esses hábitos e costumes ainda existem nos dias de Hoje? – Como estudante de sociologia política lembro Gilberto Freire ao dizer:

Sou aluno a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou aluno a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou aluno contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou aluno a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou aluno contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou aluno a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo transmitir... (FREIRE, Paulo, 2002:102)

Meu objeto é “Os Novos Males em São Paulo Revendo Histórias de Resistência dos Movimentos Sociais No Brasil”. - O Porquê Novos Males em São Paulo? – Quem são os Novos Males? – Porquê revendo histórias de resistências dos movimentos sociais no Brasil? – Porquê usar o termo Resiliência? - “**Male**”, significa mestre muçulmano ou professor, Male não se remete à nacionalidade, e sim a conduta, postura, capacidade de ensinar, educar, conduzir sabiamente.

“Novos Males em São Paulo”: Por serem muçulmanos que vieram da África, e nos dias de hoje, desse ano de 2009, encontramos muitos muçulmanos de diferentes países africanos vivendo em São Paulo. Possamos lançar um elemento complicador e analisar essa possibilidade de existir elementos compatíveis de comparação, e talvez seja possível que tenham as mesmas condutas, postura, costumes ou hábitos, os quais serão identificados teoricamente na história do descobrimento do Brasil, e aqui em São Paulo hoje analisaremos como hipótese a existência ou as similaridades e assim analisar sua contemporaneidade, e sempre permaneceram em anonimato por conta da repressão e muito de suas tradições permanecem vivas dentro de um contexto social brasileiros.

“Revedo à resistência dos movimentos sociais no Brasil”: O grande objetivo será olhar pelo lado dos revoltosos e não das elites que escreveram a história dos Males, para eles a forma de ver pode ser diferente não é nosso olhar vinculado a políticas viciadas de nossa constituição de 1988. Revedo não todo por ser impossível numerá-los, analisaremos apenas alguns que nos for mais fácil de observância à questão resistência ou resiliência nos acontecimentos que marcaram datas no Brasil.

Quanto aos movimentos sociais analisaremos suas influencias e atuação e como induzia os demais a fugir para os Quilombos apesar de não estarem em condição de social se socializaram para estarem em harmonia e paz nos quilombos.

Porque utilizar o termo Resiliência e resistência? - A escolher esse tema é por conta de ter percebido a amplitude do termo resistência, portanto Maria Ângela Mattar Yunes ao conceituar como uma extensão do termo resiliência, que foi e é considerado por muitos analistas psicólogos como “uma impulsão de reforço a um pensamento ou atitude de rejeitar” mas “suportar por conveniência”, o termo resiliência é pouco utilizado no Brasil, é apresentada na psicologia positiva como movimento de investigação de aspectos potencialmente saudáveis dos seres humanos, em oposição à psicologia tradicional e sua ênfase nos aspectos psicopatológicos. Dentre os fenômenos indicativos de vida saudável destaca-se a resiliência, por referir-se a processos que explicam a “superação” de adversidades, cujo discurso hegemônico foca o indivíduo.

Para os Males por serem negros e muçulmanos e eram desprovidos de quaisquer tipos de direito, acredito que seja válida a utilização nesse projeto de pesquisa sociológica o termo Resistência como Extensão da Resiliência.

Introdução.

O objeto *Novos Males em São Paulo Revendo Historias de Resistência dos Movimentos Sociais no Brasil*, tem como objetivo fazer uma análise sociológica com finalidade de conduzir o leitor a uma análise crítica de reformulação dos valores que deveriam ser resgatados pelos movimentos de resistência social do Brasil. Quanto a metodologia utilizada será analisada a situação de alguns exemplos de movimentos onde é possível cada leitor analisar como se deu a resistência e para os quais foram submetidos passando para um processo de resiliência por ser um fenômeno interno ao indivíduo que pode suportar ou não essa pressão imposta, os momentos sociológicos que guiaram este projeto de fontes secundárias se de fato a proposta de participação dos “Novos Males” logrou êxito, estimulando assim suas habilidades e competências, no exercício da prática igualitária, em favor de um sistema considerado pela maioria da população brasileira, mas não por esse objeto que rompe com a lógica de acumulação do capital e num processo de exclusão social passa a ser o fato que protagoniza a história do Brasil desde seu descobrimento. Para caracterizar esse objeto de peso real e criar um vínculo mais realista foi feita uma pesquisa empírica, na: Mesquita Bilal El Rabach, local, Praça da República 80, 10º andar, centro de São Paulo.

Metodologia: Quanto à metodologia utilizada foi necessário manter um distanciamento quanto ao objeto, por conta do quanto são envolventes e dispostos em nos informar, no entanto será de fundamental relevância que o leitor observe as metodologias utilizadas para conclusões e os caminhos escolhidos para realização desse projeto, utilizaremos teorias variadas e método de pesquisa que sustentarão as análises realizadas. Para investigar na história os movimentos de resistência contra os muçulmanos observamos a existência de documentos existentes ainda hoje no arquivo da Bahia Jose João dos Reis relata alguns dos principais deles, e que se referem aos Males muçulmanos capturados após a revolta. E ao pesquisar empiricamente na Mesquita Bilal El Rabach, na Praça da República 80, 10º andar foi possível constatar essa afirmação como comprovação de que os Males realmente são muçulmanos e que ainda hoje praticam o mesmo que seus ancestrais praticavam, fazendo os mesmos movimentos as mesmas orações os mesmos procedimentos o mesmo chamamento. Essa identificação não deixa sombras de dúvidas o quanto seus hábitos e costumes quanto ao aspectos religiosos estavam comprovados e que podemos afirmar que são contemporâneos até por conta que não se retrata ao ano de 1530 mas sim ao século VII, ano 630 d.c. – Podemos

de forma significativas comprovar através de fotos das imagens encontradas nos arquivos do Estado da Bahia. A histórias dos Males hoje é pontuada pela contemporaneidade de suas condutas e costumes, existem os que não conseguem ser resistente a uma modernização de hábitos e se afastam dos quais mantenham a tradição.

Para contemplar com cada movimento, e em cada ação realizada pelos Novos males, além desta entrevista foi mantido os olhares em seus movimentos e conduta, sempre informal mantendo o rigor exigido do sociólogo, somente para buscar fatos intrínsecos a uma cultura que condiz como parte da religião, tornando seus hábitos e costumes um modelo da fé Islâmica, num modelo de conduta que saberemos através das análises se alteraram ou não, por conta da mistura de culturas encontrada aqui no Brasil.

Ao pesquisar Os muçulmanos na época da colonização, eram 25% dos habitantes do Brasil. Eram 57.000 habitantes e, aproximadamente, 14.000 muçulmanos entre escravos e mouros “andaluzos” (1540). Muitas coisas que hoje existem em nosso vocabulário e costume deve-se a este passado.

Falarei como começa a história do Brasil, ao citar o navegador andaluzo Ibn Májid que comandou a última grande imigração árabe-islâmica. Segundo a história, os primeiros muçulmanos a chegarem, em terras brasileiras, no início do descobrimento, eram andaluzos, seus nomes eram Shuaib Addin Ibn Májid e o navegador Mussa Ibn Saté.

Existem também conjecturas que dizem que Gonçalves de Magalhães ajudou alguns muçulmanos andaluzos, em segredo, a fugirem dos tribunais da inquisição na Europa. Sobre a vida dos mouros “andaluzos” no Brasil, relata a historiadora Neuza Neif Nabham: “Os descendentes de mouros muçulmanos” que se instalaram no Brasil, durante o século XVI, contribuíram para formação dos valores do povo brasileiro, transmitindo princípios de ordem moral e elementos da cultura material, os mouros trabalharam como artífices, comerciantes e agricultores, deixando marcas de sua cultura tradicional. No adágio brasileiro, os mouros eram conotados como trabalho e desempenho.

Nos contos da literatura popular brasileira as mouras encantadas ou moiras representavam fadas. Através dos portugueses, usos e costumes orientais foram acrescidos ao povo brasileiro. “As influencias que os brasileiros sofreram em seus modos de viver e de pensar”. Como podemos caracterizar hábitos e costumes Males? - Como não podiam manifestar sofrerem em seu modo de viver e de pensar, se manifestaram através de trajes e símbolos como meios de transporte, e no comportamento masculino e feminino. Os costumes das senhoras se cobrirem com mantilhas, mantas ou capotes, o padrão de beleza da mulher colonial. No século XVI a mulher não saia sem seu turbante,

comiam frutas secas e açucaradas, arroz doce, gosto exagerado pelo açúcar e temperos, beber depois comer e não durante a refeição. Ao comer deveria ser sempre com a mão direita, não utilizavam costumes europeus, A técnica de produção e de utilização econômica da cana de açúcar, utilização da roda d'água. Quarto de hóspedes sem comunicação com o interior da residência. A técnica de construção em barro, a taipa de pilão. A utilização de azulejo, o traçado das ruas (travessas estreitas), o arabesco, certos tipos de telhados, as torres das igrejas, os pátios interiores com fontes d'água.

Sexo * Já percebeu costumes, hábitos de seu país no Brasil?

Costumes		Já percebeu costumes, hábitos de seu país no Brasil?			Total
		Alimentação	Vestuário	Musicas	
Sexo	Masculino	7	1	5	13
	Feminino	1	0	0	1
	Total	8	1	5	14

Quanto aos costumes pessoais dos Males muçulmanos aqui em São Paulo na Mesquita Bilal El Rabach onde realizei a pesquisa quantitativa nos mostra que: (14) quatorze dos entrevistados são muçulmanos e 100% identificaram hábitos ou alimentares em seu País de origem aqui no Brasil, é importante ressaltar que a origens desses objetos de pesquisas são africanos de países diferentes.: O fato de começarem a se preparar para oração de sextas feiras, já na quinta feira, cortando as unhas começando pela mão direita do indicador até ao dedinho, e depois o dedão, depois a mão esquerda fazendo o mesmo, depois os pés da mesma forma, as unhas cortadas ajuntadas e depois enterradas em lugar que ninguém possa pisar, tomar água sempre agachado e sempre de três em três goles. Deixar a roupa na quinta feira já preparada para sexta feira, dar preferência para roupas brancas. Orar e fazer genuflexão indo ao solo sempre em direção ao Leste, mas não totalmente dando um diferença no máximo de 10° graus, sempre diziam Oxalá ou ixáala quando pretendiam algo. Depois de haver aumentado consideravelmente o número de muçulmanos refugiados no Brasil, devido à inquisição européia, esta foi instaurada ino Brasil, levando muitos muçulmanos a serem queimados vivos na fogueira.

Relatarei como os Males muçulmanos chegaram ao Brasil e como se deu na época da colonização portuguesa que encorajou o trafico de escravos para o Brasil

(1530), afim de que trabalhassem nos campos para a produção de cana-de-açúcar, café, e para equilibrar a balança comercial entre a metrópole e a colônia. Mesmo sendo desprovidos de quaisquer tipos de direito eram educados e se diferenciavam da maioria dos negros não muçulmanos. Esses resistiam ou suportavam as atrocidades sem abrir mão de seus comportamentos, criando uma diferenciação destacada e aí utilizará o que, objetivos sociais ou ideológicos, independente da coesão dos atores na prática de coerções sobre o indivíduo historicamente, e que motivou muitas revoltas e forçou a criação de quilombos, movimentos sociais variados e até mesmo muitos suicídios. Instituído, mas não podendo surgir do nada; "substituto", mas realidade vivida pelas pessoas, o imaginário, como o formula Castoriadis, "deve utilizar o simbólico não apenas para "exprimir-se", o que é óbvio, mas para "existir", para passar de virtual a qualquer coisa mais". (1982, p. 155) A radicalidade da importância das formas simbólicas é manifesta por Castoriadis quando afirma que tudo o que se nos apresenta, no mundo sócio-histórico, está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico. Não se esgota nele. Os atos reais, individuais ou coletivos - o trabalho, o consumo, a guerra, o amor, a natalidade - os inumeráveis produtos materiais sem os quais nenhuma sociedade poderia viver um só momento, não são (nem sempre, não diretamente) símbolos. Mas uns e outros são impossíveis fora de uma rede simbólica. (Castoriadis, 1982, p 157). Quanto ao objeto entre muitos outros sinais, lembremos, o *universo simbólico imaginário* designa comportamentos dando-lhes, inclusive, conotação de legitimidade. É possível, portanto, verificar, nas situações de violência, a incidência de um *referencial interativo primário* que, tanto quanto a norma jurídica, mas trabalhando inclusive em sua interpretação ou, mesmo, ocultamento, independe do próprio contexto. Na verdade, pode ser considerado um pressuposto seu, da mesma forma que o transcende, além de permitir, inclusive, não poucas vezes, estabelecer o ato de agressão como legítimo. Trata-se de um referencial interativo dado pela (pré) existência de uma cultura que, através de sua manifestação enquanto universo simbólico imaginário, sustenta e permeia a ação passível de caracterização como violência. É ele que nos permite falar sobre uma pré-ordenação do mundo vivido. É por isso que ousamos estabelecer sua fundamentalidade para a caracterização das situações de violência. É por isso também que sugerimos eficácia para as representações que o constituem. No caso, elas funcionam como uma pré-condição de conhecimento e ação na situação apresentada. Está aqui a importância de estudos sobre resistência como consequência a resiliência apresentada. Norbert Elias também fala da vida social na sociedade medieval o perigo de morte, a vida era mais curta, quanto o

perigo de morte, menos controláveis e muitas vezes mais dolorosa, o sentido da culpa e o medo da punição depois da morte passaram a ser controlada pela igreja católica. Ao analisar o objeto Males em relação com que o autor Norbert Elias diz sobre a Morte, podemos supor que de fato os dominadores Portugueses observavam os Males muçulmanos, com aplicações de medidas cautelares, por vê-los como não temente às atrocidades que aconteciam, portanto eram elementos perigosos, esses pode ser uma das evidências pelos quais procuravam fugir para o mato sem temer o que poderia acontecer e criavam redutos de fugitivos para sobrevivência, e pela cultura que tinham por saberem ler e escrever foram por maioria deportados após a Revolta dos Males na Bahia. Existem outros campos de importância semelhantes, dos quais poderia haver respigado, como por exemplo, os estudos sistemáticos das organizações complexas, da burocracia, da socialização, da estratificação e do conflito e resolução do conflito. Em todos esses campos a análise sociológica é realizada de acordo com os princípios que informaram as obras de Durkheim, Weber e Simmel, mas, embora a continuidade do trabalho teórico na sociologia seja um fato estabelecido, a questão de sua significação para a consecução dos objetos da teoria sociológica ainda pode ser levantada. *A sociedade de quilombo tradicional dos escravos fugitivos elaborou técnicas que permitiram estabilizar as relações do grupo com o meio (embora em nível que reputaríamos hoje precários), mediante o conhecimento satisfatório dos recursos naturais, a sua exploração sistemática e o estabelecimento de uma dieta compatível com o mínimo vital – tudo relacionado a uma vida social de tipo fechado, com base na economia de subsistência.* Como exemplo pode focar em paralelo como organizou a resistência estudantil na Vila Buarque, contra a ditadura militar em São Paulo, para dialogar com os autores sobre essa tarefa, observaremos: “como uma ação provoca uma reação”, ou até que ponto ela se torna resiliência. A busca de dados teóricos práticos variados e fatos sociais e políticos que possamos compreender como se estabeleceram esses conflitos estudantis, com a ordem vigente, e até que o governo assumiu um papel definitivo no controle social. Comportamento dos indivíduos, inculcando a noção de certo e errado correspondente à conduta desejada pelo governo federal no espaço público. Para tal objetivo, falaremos sobre o serviço da Delegacia de Ordem Política Social o – Deops, especificamente o de São Paulo, para buscar compreender as relações molar e molecular, entre o projeto de modernização do Estado-Nação e as práticas policiais no cotidiano. As pesquisas quantitativas colaboram para naturalizar a resiliência como capacidade humana, e os estudos em famílias trazem contribuições de pesquisas qualitativas realizadas na visão

sistêmicas, ecológicas e de desenvolvimento. Consideradas as dificuldades metodológicas e as controvérsias ideológicas do conceito, sugere-se uma cautelosa investigação de sentido antes da aplicação do termo. Ao apresentar o termo resiliência contribuimos com a sociologia contemporânea. Com a intenção de apresentar os pontos de divergência quanto ao mesmo objeto de forma contemporânea nas obras teóricas na sociologia. A situação da teoria sociológica, então depende de até onde o sociólogo formularam conceitos úteis para a análise sociológica, descobriram relações uniformes entre elementos de situações sociais e desenvolveram teoria das quais regularidade observadas de ações sociais de resiliência podem ser deduzidas. Quanto ao nosso objeto Os Males, preferiam morrer lutando ao invés de se submeter a escravidão por isso incentivar os demais a fugir ou a lutar, os quais não tinham mais forças para tal ficavam e muitos ficavam deprimidos a tal ponto que se suicidava. estudo feito pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) , tenta explica os suicídios são outros motivos, como os problemas com a justiça e o medo de castigos impostos pelo senhor está relacionando os campos da história e da psiquiatria, a pesquisa de Saulo Veiga Oliveira, feita como trabalho de mestrado na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, foi publicada na revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos. O artigo foi escrito com a orientadora da pesquisa, Ana Maria Galdini Raimundo Oda, professora da FCM. O estudo foi desenvolvido no âmbito do projeto Dos Desgostos Provenientes do Cativo: Uma História da Psicopatologia dos Escravos Brasileiros no século 19, apoiado pela FAPESP como auxílio no âmbito do Programa de Apoio a Jovens Pesquisadores. Oliveira analisou um total de 319 notícias sobre suicídios e tentativas, publicadas na Gazeta de Campinas entre 1872 e 1887, referentes à província de São Paulo. Do total, 68 notícias se referiam a escravos. Segundo dados do Censo de 1872, a província de São Paulo tinha cerca de 835 mil habitantes e 155 mil escravos, o que representava 19% da população. Uma particularidade fez com que Campinas (SP) – onde se centrou a pesquisa – ficasse conhecida na época como a “Bastilha negra”. No município viviam cerca de (18) mil pessoas livres e (14) mil cativos, os que correspondiam em 44% da população. De acordo com o pesquisador, os suicídios de escravos não podem ser explicados unicamente pela sua condição cativa. “Isso configura uma abordagem muito simplista, sendo apenas uma das possíveis explicações para o fenômeno. Os atos suicidas são manifestações humanas extremas que não podem ser reduzidas à explicação única – seja ela de caráter sociológico, antropológico ou psicopatológico – e que devem ser sempre referidas aos contextos históricos em que se dão”, disse à

Agência FAPESP. Para Oliveira, o suicídio pode eventualmente ser encarado como uma forma de protesto ou fuga da situação de cativo, mas não pode ser a única explicação. “É preciso sempre considerar a complexidade da experiência da escravidão e a capacidade humana de descobrir formas de viver em condições adversas”, afirmou. Dos 75 casos de suicídio envolvendo escravos, 48 foram em Campinas e 19 em outras cidades. Com relação às pessoas livres, dos cem casos noticiados de suicídios e tentativas ocorridos na província de São Paulo, 36 se deram em Campinas. O motivo levantar essa questão é tão somente para observarmos que não podemos generalizar a questão, nem todo escravo era muçulmano e nem todo muçulmano era escravo, outro elemento importante nesse caso é saber que uma das condutas dos muçulmanos era exatamente não se suicidar não existe na terra motivo para isso sobe o ponto de vista dos males muçulmanos em São Paulo. Essa questão se respalda no esforço que se faz pela causa de Allah,(Deus) por considerar que a morte é simplesmente a continuação da vida, lembrando que essa posição não deixa de ser uma representação de resistência. Para finalizar nossa compreensão em relação ao nosso objeto “Os Novos Males em São Paulo Revendo Historias de Resistência Social no Brasil”, podemos focar alguns pontos importantes para visualizar esse objeto, como ele é contemporâneo que e o que se propõe quanto a sua lógica. Foi Florestan Fernandes, em “A integração do Negro na sociedade de classe”, ao acentuar aspectos de desorganização e deficiência socializada, pois a família dos negros é vista em condições específicas de marginalidade socioeconômica como um todo. Roge Bastide analisa “Os efeitos do preconceito de cor sobre a personalidade do Negro” em brancos e Negros em São Paulo , e trata de mecanismos de acomodação do puritanismo que isola o negro da classe média. Não podemos deixar de falar os mecanismos de iniciativa que não existiram por parte do Estado ao implantar a socialização do negro na sociedade através de políticas públicas afirmativas. Quanto ao objeto será identificar a existência de mecanismos que sustenta as condutas dos muçulmanos Males, como forma de resistência a esse isolamento institucionalizado, juntamente com a Igreja somente a evolução dos direitos exigindo por movimentos de resistência poderá surgir a justiça social em São Paulo ressonando em todo Brasil, e poderíamos dizer que a escravidão foi molar e molecular, quando os indivíduos compravam sua liberdade quando as formas de resistência se mudava de lado de oprimido para opressor , quando por sua maioria se enquadra nas normas do Estado e que de forma pastoral vem conduzindo suas ovelhas procurando manter unido seu rebanho. Os males foram considerados baderneiros na Bahia a polícia que aparece para

fiscalizar e controlar todos os negros muçulmanos ou não, ela tinha o direito de fazer viver para aumentar a produtividade do estado fiscalizando a vida de cada indivíduo, não poderemos jamais esquecer onde há poder há resistência, e uma recusa é uma resistência. Para Foucault, O Estado tem suas organizações molares, e que impõe uma falta. Agostinho Perdigão M. Malheiro escreveu “A fuga é inerente à escravidão”, A busca de canais de solidariedade de africanos eram constantes na época, principalmente os Males, gostavam de prestígio pelo uso da cultura escrita ou simplesmente por pertencimento derivado reconhecido reputada classe africana. Observamos ai que os males gostam de certo mecanismo de poder. E utilizam cotidianamente para se tornar Males existiam uma perspectiva vertical e outra horizontal, uma que contestava o poder senhorial. Outra que disputava o poder entre os africanos. Ambas se cruzavam pois para que não tinha o que perder ser Males e muçulmano passava a ser a melhor forma de vencer, aqui na terra ou em outra mundo.

Conclusão: Uma das máximas do alcorão diz: “Quem, faz esforço pela causa de (Allah) Deus tem o paraíso como garantia”. Um período de inovação mudança ideológica discussão, um outro período de efervescências revolucionaria a sociedade Bahiana respingava política, vivia agitada e a comunidade negra não ficou de à margem desse processo. Os Males eram fieis a religião tinham condutas diferenciadas dos demais escravos e por isso eram mais vigiados, viviam dizendo: Nascemos livres e morreremos livre” e, “Somente nos abaixamos para Allah”. Os líderes Males orientava seus discípulos a transformarem o compromisso individual com a religião num compromisso com a rebelião armada coletiva. Se organizavam pela liberdade e seu segredo do ataque somente seria divulgado na noite do ataque, se prepararam mais de um ano, e só as vésperas seria a divulgação pois o dia “D” seria no dia da festa islâmica do (Hajj) que significa peregrinação. Os Males encontravam na Bahia em 1835 um campo fértil , onde semear rebeldia escrava e mudar a sociedade em favor dos africanos. Uma desigualdade étnico-raciais e social muito exposta, naquele ano uma crise profunda na economia e na política. Existiam rumores de muitas revoltas, por exemplo, a revolta das classes livres pobres e dos dissidentes liberais de um lado, e de outros as dos africanos ameaçavam a hegemonia dos senhores da Bahia e da ordem pública escravocrata. Os objetivos dos Males na Bahia era a conquista da Bahia de Todos os Santos, depois o Recôncavo e ai já seria possível negociar com os comandantes, mas nem todos aderiram principalmente os negros livres e assim já se dividiam entre os cativos, Esta e outras atitudes sistemáticas de defesa ideológica e empírica de um tráfico ilegalizado por pressão da Inglaterra e pelas

autoridades brasileiras não se dava acidentalmente, porém era uma decorrência da estrutura da própria essência da estrutura do Estado brasileiro. A elite/administrativa da época, não se preocupava com o mesmo distanciamento de hoje. Chegamos a falar na época de democracia coroada (João Camilo de Oliveira Torres), para caracterizar o reinado de D. Pedro II. O Estado defendia os interesses dos donos de escravos, isto quer dizer que o negro que aqui chegava coercitivamente na qualidade de semovente tinha contra si todo o peso da ordem jurídica e militar. Do sistema. Com isso todo o peso da dominação e operacional do Estado. O aparelho ideológico de dominação da sociedade escravista gerou um pensamento racista. Diz Ademir Fiabani. Toda obra de Oliveira Vianna vai nesse diapasão continua a ideologia do poder moderador de D. Pedro II e procura ordenar a nossa sociedade através da "seleção racial". Obs: (Ao elogiar o plano fascista e racista no plano político). Juntamente com Gilberto Freyre no caso reconhecer realística das funções positivas das oligarquias. Clóvis Moura (22.23). Castro Alves é a grande literatura brasileira, por colocar o negro escravo como homem que pensa e reivindica que ama e luta. Um exemplo para mostrar a diferença de universos sociais e estatísticos entre eles e Gonçalves Dias, Castro Alves escreve o seu grande poema "O navio Negreiro" sem nunca ter visto uma dessas embarcações, o tráfico foi extinto em 1850, enquanto Gonçalves Dias que teve a oportunidade de vê-lo as dezenas, provavelmente no seu cotidiano, e jamais o usou como temática dos seus versos. Somente em 1922 o negro se dignificara, por conta do grande período de "Ranço", ressurgiu como personagem ficcional, como ser humano na sua individualidade. E somente após a Segunda Guerra Mundial a Unesco patrocina uma pesquisa sobre essa generalidade otimista e ufanista, foram revistas com rigor científico e é reanalisada. Significando uma democracia Racial no Brasil. Os resultados foram chocantes para os adeptos dessa filosofia a ideia de exemplo de Democracia Racial, essa ideologia foi arquitetada para esconder uma realidade social altamente conflitante e discriminatória no nível de relações interétnicas. Os conceitos de acomodação, assimilação e aculturação foram contestados. Esses mecanismos permanentes de barreira à mobilidade social vertical do negro, com diversos níveis de impedimento a sua ascensão na grande sociedade, muitos deles invisíveis, os entraves criados pelo racismo, as limitações sociais que o impediam de ser um cidadão igual ao branco, e a defasagem sócio-histórica que não atingiu frontalmente e permanente após a abolição. Evidente que não podemos falar em uma consciência plenamente elaborada, mas sim de uma posição crítica em processo de radicalização epistemológica a tudo ou quase tudo. Os Novos Males apenas foi visto como objeto de estudo nunca como sujeito

ativo no processo de elaboração do conhecimento científico na história do Brasil. Numa encruzilhada os Novos Males em São Paulo é fato histórico a ser mais bem analisado, como resistência dos movimentos sociais no Brasil, como objeto por uma mudança quanto a conscientização na reformulação radical da nossa realidade social. As formas de resistência dos Movimentos sociais no Brasil nada têm de sintético ou unitário, as proporções de resistência hoje se dividem em várias frentes num processo de reformulação radical da sociedade brasileira. Se dinamizarmos politicamente e socialmente e cientificamente. Ao vivenciar empiricamente devo como acadêmico da ciência manter um distanciamento, mas tendo como um a experiência de resistência contemporânea do objetivo, até que ponto a sociedade brasileira como um todo foi influenciado pela religião institucionalizada comentadora? - Outros segmentos somente são analisados a partir da interioridade daquele que invade o espaço do dominador por isso sanções contra essa contaminação a sua pureza. Outros seguimentos afro descendentes afro-brasileiros constituem um cristianismo anônimo. A religião dominante fazia parte desse mecanismo de dominação não apenas no plano ideológico, mas. Também de participação estrutural no processo de escravização. Marx usou em relação aos economistas "eles (os economistas) se parecem muito com os teólogos, eles também estabelecem duas espécies de religião. Toda religião que não é a sua é uma invenção dos homens, enquanto que a sua própria é uma emanção de Deus"

Bibliografia

- BABBIE, Earl. Métodos de pesquisas de survey. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2001.
- NORBERT ELIAS. A solidão dos moribundos. pp.7-77.
- NORBERT ELIAS. Os estabelecidos e os outsiders, pp. 19-50,121-133.
- NORBERT ELIAS. Mozart, sociologia de um gênio. pp.111-134.
- MARX, Karl. Miséria da filosofia. São Paulo, Elama 1946.p.112
- WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais, in Cohn, Gabriel (org) Weber. Editora Ática, São Paulo, 1979.
- MOURA, Clóvis sociologia do Negro brasileiro (serie fundamentos) Editora. Ática 1988.
- AUFMANN, Roberta Fragoso Menezes. *Ações Afirmativas à brasileira: necessidade ou mito? Uma análise histórico-jurídico-comparativa do negro nos Estados Unidos da América e no Brasil*". Porto Alegre: Livraria dos Advogados Editora, 2007.